



Uma visão sobre a pupunheira no contexto do mercado de palmito

A partir da maior conscientização ambiental tem havido pressão crescente junto aos principais países produtores de palmito para que este não seja obtido de forma predatória, a partir da exploração de palmeiras nas matas nativas. Esse movimento tem se fortalecido principalmente em países consumidores mais exigentes tanto na padronização da qualidade e aparência do produto, quanto no aprimoramento dos processos produtivos, que incluem a preservação do meio ambiente e o respeito às leis trabalhistas.

O palmito, produto considerado como hortaliça não convencional, pode ser obtido de várias espécies de palmeiras. No Brasil, as mais exploradas são aquelas do gênero *Euterpe*, em que estão inseridos o palmito juçara (*E. edulis*), nativo da Mata Atlântica, e o açáizeiro (*E. oleracea*), nativo da Amazônia. Dentre as palmeiras cultivadas destacam-se a pupunheira (*Bactris gasipaes*), também nativa da Amazônia, porém em região mais abrangente, englobando as Américas Central e do Sul, e a palmeira real australiana (*Archontophoenix* spp), nativa do leste da Austrália.

Desde a década de 1970 o interesse de pesquisadores e produtores voltou-se para a pupunheira, que se apresenta como alternativa sustentável de cultivo para a produção de palmito. Essa palmeira apresenta todas as características desejáveis quando comparada àquelas exploradas predatoriamente e ainda vantagens adicionais, tais como, crescimento acelerado, precocidade para o corte (2 anos) e farto perfilhamento. O palmito de pupunha não escurece rapidamente após o corte, o que constitui grande vantagem em relação às demais palmeiras produtoras de palmito, além de consumo *in natura* na forma de saladas¹.

De maneira geral, a partir do fim da década de 1990 tem havido tendência crescente de aumento da área cultivada com a pupunheira no Brasil. Esse comportamento é justificado pelo aumento da demanda desse produto e, principalmente, pela redução significativa do palmito extraído de palmeiras nativas. Houve diminuição de 71% na extração desse produto em 2005, em relação a 1990, conforme mostra a figura 1. Vale ressaltar que os dados de

produção englobam todas as espécies de palmeiras produtoras de palmito (açaizeiro, juçara, pupunheira e real australiana). Um outro ponto importante a ser considerado é que, a partir de 1988, houve no Brasil expansão do cultivo de pupunheiras para produção de palmito, competindo com as demais palmeiras tradicionalmente cultivadas².

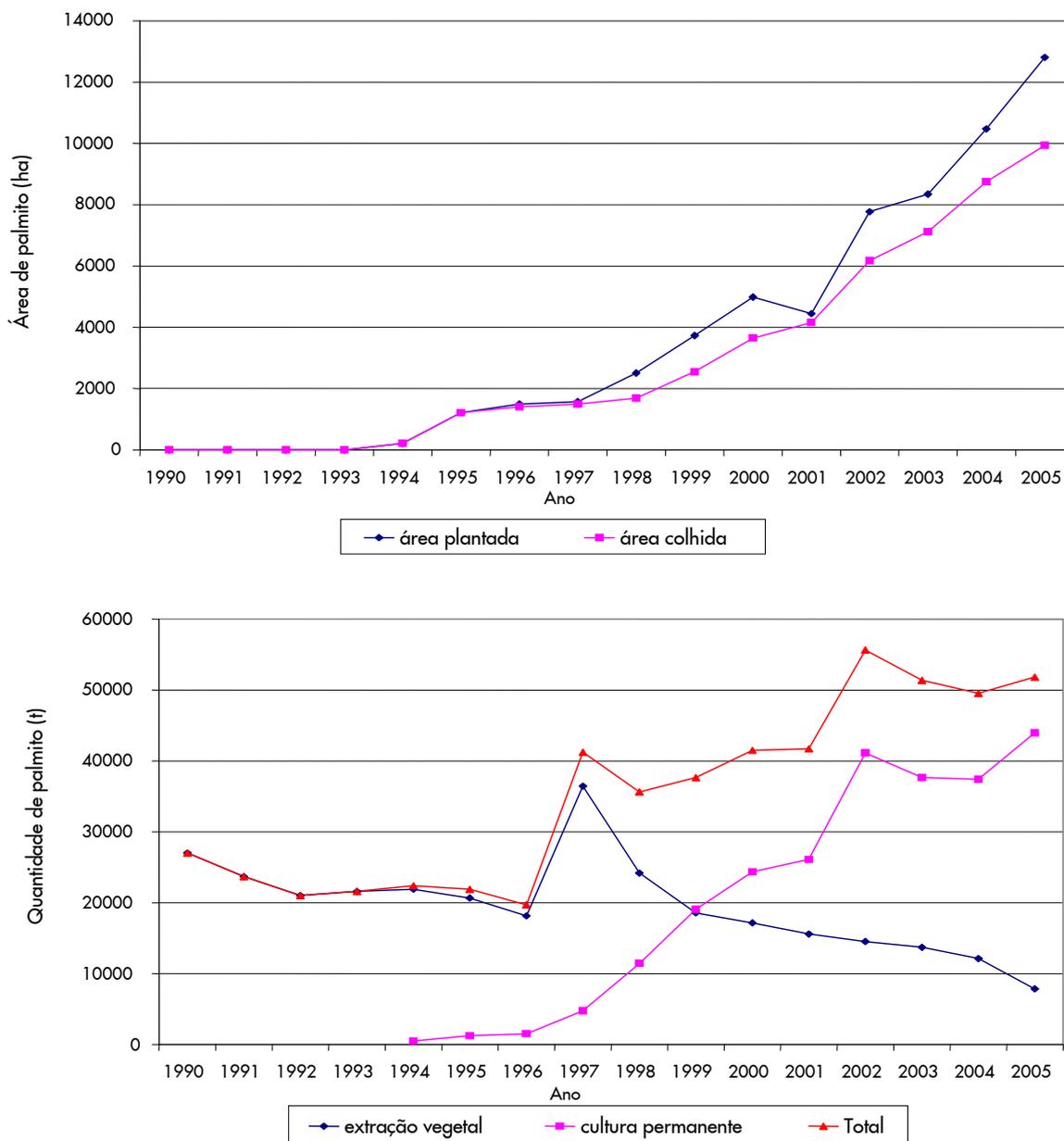


Figura 1 - Área e Quantidade Produzida de Palmito no Brasil, Lavoura Permanente e Extração Vegetal, 1990 a 2005. Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 2007.

De acordo com dados do IBGE, o Estado de São Paulo destaca-se como um dos maiores produtores brasileiros de palmito³. Ao se comparar esses dados com as informações levantadas pelo IEA/CATI sobre pupunha, observa-se que há tendência bastante elevada de cres-

cimento da área do palmito nos últimos anos (Tabela 1). Em 2006 a área total de pupunha no Estado de São Paulo foi de aproximadamente 3.900ha. De acordo com informações do setor, ratificadas pelos dados do IEA/CATI, esse aumento de área é atribuído principalmente à expansão da área do cultivo de pupunha no Estado de São Paulo, em substituição ao palmito extraído de palmeiras tradicionais da região (juçara) e, também, como alternativa para outras atividades agropecuárias, como é o caso de pastagem natural e banana⁴. Essa expansão do cultivo vem ocorrendo principalmente devido às características peculiares da pupunheira, tais como, precocidade, uma vez que o primeiro corte para palmito ocorre, em média, a partir de dois anos de cultivo (contrastando com 6 a 8 anos nas palmeiras do gênero *Euterpe*) e o farto perfilhamento, o que possibilita, em média, a produção de uma haste de palmito a cada 10 meses, caracterizando a cultura como um cultivo perene.

Tabela 1 - Comparação entre Crescimento de Área de Palmito e Pupunha no Estado de São Paulo, 1994 a 2006

Período	(em %)		
	Área cultivada com pupunha (IEA/CATI)	Área plantada com palmeiras produtoras de palmito (IBGE) ¹	Área colhida com palmeiras produtoras de palmito (IBGE)
2002/2006	204,0	-	-
2002/2005	165,8	93,9	176,6
1994/2005	-	18166,7	26266,7

¹A partir de 2000, em média, 98% de toda produção de palmito do Estado de São Paulo origina-se de culturas permanentes e não de extrativismo vegetal, de acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 2007.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola/Coordenadoria de Assistência Técnica Integra (IEA/CATI) e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O crescimento mais acentuado da área de pupunha no Estado de São Paulo concentra-se no Vale do Ribeira, especialmente nos municípios de Registro, Juquiá, Cajati, Eldorado, Peruíbe, Itanhaém e Pariquera-Açú (Figura 2). Ao longo dos anos tem havido incremento de novas culturas no Vale do Ribeira, propiciando maior diversificação agrícola na produção, principalmente em estabelecimentos de pequenos e médios produtores. Dentre as culturas que ampliaram significativamente a sua participação entre 2002 e 2006, além da pupunheira, pode-se destacar café e milho.

A nova oportunidade de negócios relacionados à pupunha, que ainda está se fortalecendo, abre portas para o mercado internacional de palmito em conserva, em mercados consumidores sensíveis à qualidade do produto, preservação ambiental e observação das leis trabalhistas adequadas à sua produção e processamento. Além desse mercado já existente, as características peculiares do palmito pupunha, principalmente o não escurecimento do produto, fazem vislumbrar novas possibilidades de comercialização em todo o território nacional, como a

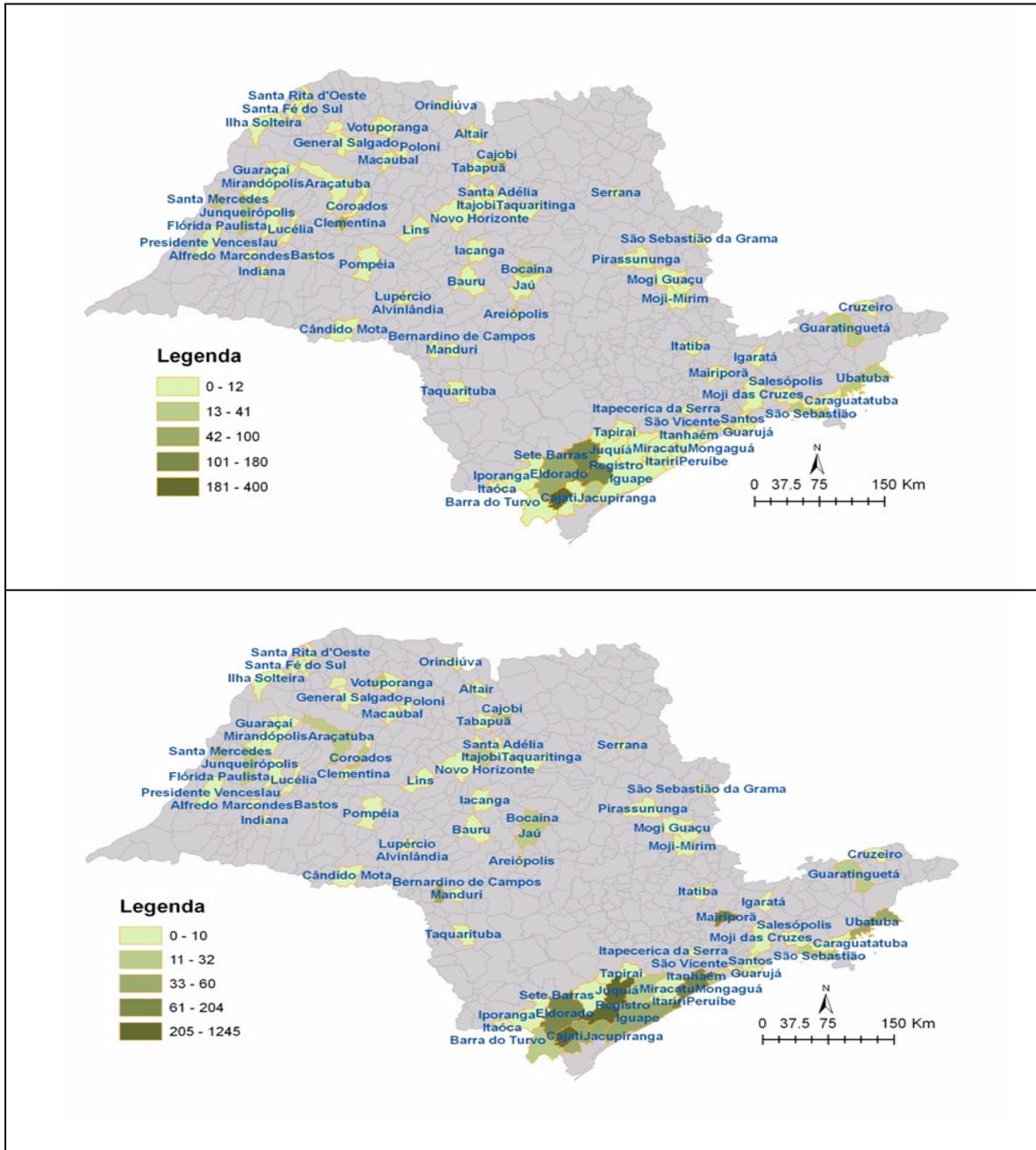


Figura 2 - Evolução da Área Cultivada de Pupunha no Estado de São Paulo, 2002 e 2006.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola/Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (IEA/CATI).

de palmito *in natura* ou minimamente processado. No entanto, se não forem adotados critérios ou normas previamente estabelecidas, visando eliminar os riscos de contaminação do palmito processado, pode-se comprometer a inserção e consolidação desse produto no exterior, repercutindo negativamente, inclusive, no mercado interno.

Até 1994 havia tendência de crescimento das exportações brasileiras, que só foi retomada a partir de 2002, conforme mostra a figura 3. A partir desse ano os preços médios anuais de palmito em conserva exportado aumentaram a taxas crescentes, atingindo, em 2006,

média de US\$1.94 a lata de 400g (ou US\$4.84/kg FOB).

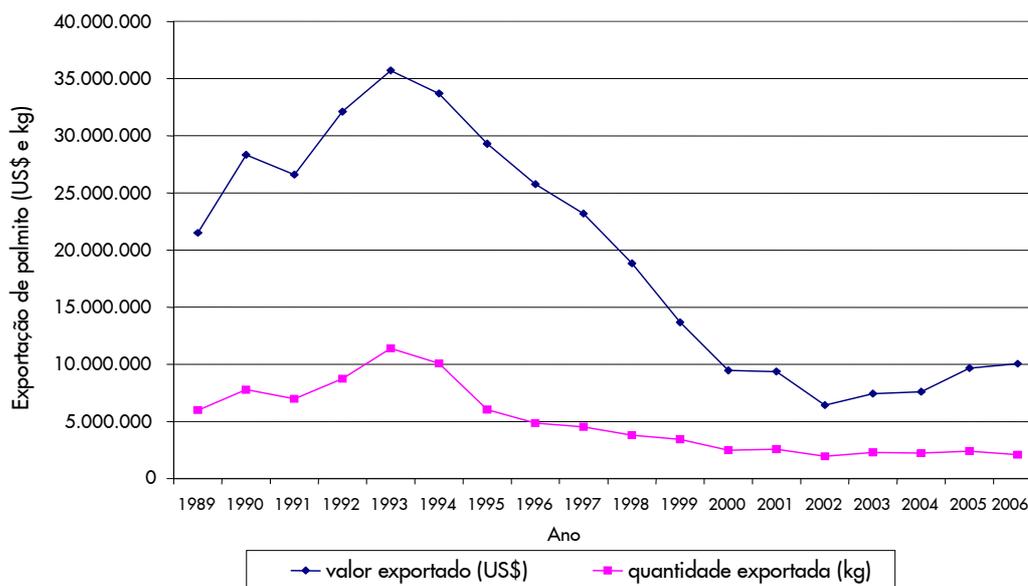


Figura 3 - Exportações de Palmito em Conserva, 1989 a 2006.

Fonte: Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento (SECEX/MDIC).

A despeito dessa valorização do produto no exterior, deve-se considerar também, dentre outros fatores, os preços obtidos no mercado interno, para que se possa optar pela melhor alternativa de negócio. Por exemplo, de acordo com dados coletados pelo IEA/CATI, de 2002 a 2005, houve valorização do preço médio anual da lata de 400g palmito no varejo da cidade de São Paulo (Figura 4).

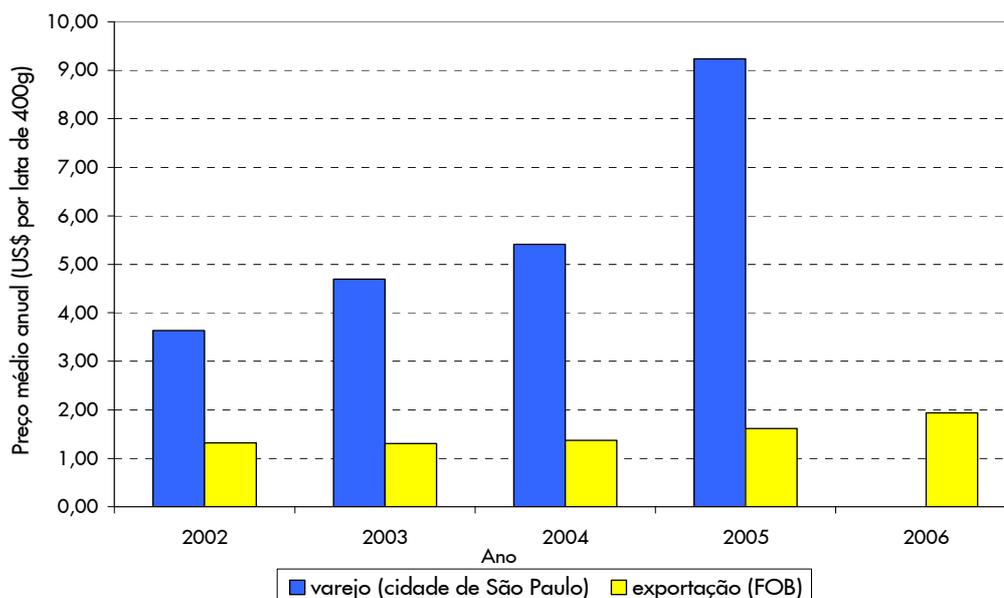


Figura 4 - Comparação entre Preços Médios Anuais no Varejo da Cidade de São Paulo e na Exportação, 2002 a 2006.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola/Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (IEA/CATI).

Para que haja inserção contínua do palmito no mercado externo há necessidade de maior profissionalização do setor a fim de garantir a qualidade e a regularidade de oferta desse produto, considerado sofisticado no exterior, destacando-o das demais iguarias disponíveis para consumo. A introdução de palmitos de melhor qualidade pode, inclusive, favorecer a criação de novos nichos de mercado no Brasil, podendo-se constituir em alternativas mais rentáveis para o setor.

¹BOVI, M. L. A. O agronegócio palmito de pupunha. **Horticultura Brasileira**, v.21, n.1, p. 2, 2003.

²BOVI, M. L. A. **Palmito pupunha**: informações básicas para cultivo. Campinas: Instituto Agrônômico, 1998. 50 p. (Boletim Técnico, 173).

³A partir de dados de 2005, a maior área cultivada de palmito está no Estado de Goiás (São Paulo ocupa a segunda maior área de palmito do Brasil). Goiás, Bahia e São Paulo estão entre os três maiores Estados brasileiros em quantidade produzida de palmito cultivado (em ordem decrescente). Em relação à quantidade produzida na extração vegetal, o Estado do Pará é o maior produtor, seguido de Santa Catarina e São Paulo.

⁴ANEFALOS, L. C., MODOLO, V. A., TUCCI, M. L. S. Influência do palmito pupunha no sistema agropecuário do Vale do Ribeira-SP, 2002-2006. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE OLERICULTURA, 47., 2007, Porto Seguro, BA. **Anais...** (no prelo).

Palavras-chave: pupunha, *Bactris gasipaes*, área cultivada, agronegócio, exportação.

Lilian Cristina Anefalos
Pesquisadora do IEA.
lcanefal@iea.sp.gov.br

Maria Luiza Sant'Ana Tucci
Pesquisadora do IAC.
tucci@iac.sp.gov.br

Valéria A. Modolo
Pesquisadora do IAC.
vamodolo@iac.sp.gov.br

Liberado para publicação em 04/07/2007